

A FORÇA DE COESÃO QUE PODE MANTER UNIDOS OS HOMENS EM SOCIEDADE

Melhor um Fósforo Aceso...

Em lugar de queixar-se da escuridão, é sem dúvida mais proveitoso acender um fósforo... Num sociedade doente, onde muitas vezes todo e qualquer esforço parece destinado apenas a prolongar uma lenta e inexorável agonia, um grupo de pessoas, que comece a dizer que é necessário cuidar dos homens individualmente, dá a impressão de tratar-se de alguém que, para curar um doente, põe-se a curar-lhe os cabelos, um por um, a cuidar de suas unhas, do nariz, dos olhos... E quem é que cuida do doente?

Todavia, se por acaso a uma certa altura se intuisse que aquilo que não funciona fosse justamente a força de coesão que mantém unidas as células, o que aconteceria? Ou melhor, neste caso como se poderia ajudar o doente? Sem dúvida, qualquer pessoa, mesmo sem entender de medicina, pensaria logo numa maneira de estimular as células para despertar nelas a força de coesão capaz de mantê-las unidas.

É a esta altura que não mais parece ingênuo o esforço de quem deseja estimular os indivíduos, as famílias, os pequenos e grandes grupos, para exercer a força de coesão que mantém os homens em sociedade. Em outras palavras, para exercitar com mais empenho a própria socialidade. Com esta visão, várias pessoas se dispuseram a atuar e apresentar suas experiências num encontro realizado na Mariápolis Araceli, em São Paulo.

Eis como se manifestou um promotor público:

“As pessoas que procuram a Justiça são pessoas que, por um problema ou outro, são envolvidas pela humilhação, pelo desespero, pela necessidade, que são de um modo ou de outro marcadas pela vida. E para que pudéssemos ajudar estas pessoas a readquirirem a serenidade, a tranquilidade e a certeza de uma justiça efetiva, deveríamos criar entre nós, servidores da justiça, um ambiente de tranquilidade e serenidade. De fato, se não reinar entre nós um clima de fraternidade recíproca, ninguém acreditará na justiça porque não poderemos dar o que não temos. Pro-

curei, no meu trabalho, criar esse clima, interessando-me efetivamente pelos problemas de cada um com quem trabalho e com os que procuram meus serviços”. E contou dois casos: o de um casal que havia se desquitado e que, tendo tido um contato mais prolongado com ele, agora está próximo da reconciliação; e um outro caso, em que conseguiu encaminhar um processo de adoção de filhos, de modo a abrir um precedente jurídico que oferece melhores condições legais para esta prática. Vale dizer que estes fatos não são isolados, mas representam o clima de relações que se criou na Vara onde o mencionado promotor trabalha, o que foi reconhecido inclusive num artigo publicado por um jornal paulista: “Vemos um entrosamento perfeito entre o titular da Vara, o representante do Ministério Público e o cartório, fazendo os feitos correrem, comparativamente aos demais cartórios, até mesmo com celeridade...”

Na família de Maria de Fátima criou-se um relacionamento onde tudo é de todos e cada um assume a sua parcela de participação. “Quando aos sábados levanto mais tarde, meu filho mais velho, de oito anos, arruma a mesa para o café. E faz isso de bom grado, porque tudo aquilo é também dele (...). Um dia, porém, percebi que tinha me fechado e me acomodado àquele bem-estar em família, e que minha família deveria ser um dom para as outras a começar pelas mais próximas.

Tinha uma vizinha, por exemplo, que havia sido um pouco marginalizada pelos outros. Não havia jeito de eu entrar em contato com ela. Um dia soube que colocara sua casa à venda. Foi a ocasião esperada. Em uma conversa bastante amigável, ela pôde confiar-me muitos de seus problemas, que assim pudemos assumir juntas.

Às vezes um vizinho precisa sair e vem deixar os filhos em minha casa. “Pode deixar que cuidamos bem deles” diz minha filha de seis anos. E os trata como irmãos, colocando seus brinquedos em comum.

Uma noite, um vizinho bateu à minha porta, pois seu filho estava doente e era preciso telefonar a um médico. Atendi-o prontamente. Além disso, vi que o médico havia receitado um remédio que eu tinha em casa: uma caixinha ainda fechada. Quando lhe dei o remédio, o vizinho me disse: "Querida escolher o vizinho que se incomodasse menos em me ajudar. Agora tenho certeza que bati à porta certa". Era expressão de um relacionamento mais profundo que se criava entre os vizinhos.

Quando meu filho chegou à idade escolar, nós o matriculamos numa escola pública. Um dia ele contou que um colega havia desmaiado de fome. E pedia para aumentar seu lanche para repartir com aquele colega. Outras vezes pedia permissão para dar um seu brinquedo a um colega pobre.

Na reunião de pais e mestres, encontro-me com as outras mães e conversamos sobre os problemas dos filhos em relação à família e à escola, ajudando-nos para resolvê-los.

Sinto a necessidade de ampliar os limites da minha família, pois a felicidade não está só dentro das paredes da minha casa".

O que pode dar oxigênio aos nossos relacionamentos sociais? Só o fato de enxergar um pouco mais além de nossos narizes, só o fato de considerar cada homem – por mais delinqüente, violento, medíocre, fraco, mentiroso, que seja – um homem, um ser aberto para com a humanidade inteira.

Cidinha é uma adolescente que vive em um lugar muito pobre e cata papel no lixo para ajudar a família. Vendo as diferenças entre as pessoas de uma mesma cidade se perguntava por que alguns têm tanto e outros não têm nada, por que uns são ricos e outros pobres.

Em contato com um grupo cristão engajado percebeu que possuía algo muito maior que a riqueza, e que tinha dentro de si uma luz mais fascinante do que as luzes que resplandecem nos prédios e casas da cidade, uma riqueza que dinheiro nenhum podia comprar. Era esta "luz" que a impelia a acolher com carinho seu pai, quando este chegava bêbado; e este calor humano ajudou-o a abandonar o vício que alimentava a quatorze anos. Foi o amor que a impeliu, junto com seus familiares, a colocar em comum com outras famílias os poucos móveis e roupas que possuíam. Foi amor que a impeliu a interferir em conflitos que se dão em seu ambiente, para defender as vítimas e dis-

suadir os agressores.

"Apesar de tudo – ela disse – eu era uma das poucas pessoas que ali tinham possibilidade de estudar. Mas isto não podia ficar só para mim. Achei que, para superar qualquer barreira entre mim e os outros, deveria repartir com cada um tudo o que tinha, a começar por meus pais. E era grande a alegria daqueles que aprendiam comigo, porque tudo era feito por amor. Eles descobrem cada vez mais que é o amor que funciona e é capaz de criar também naquele lugar, naquela favela, esquecida por muitos, uma "nova humanidade". De fato, não é que a gente quer uma ajuda material, mas muito mais que isso: desejamos ser incluídos entre os seres humanos e sermos tratados como pessoas dignas, filhos de Deus!"

Zélia e Aparecida são professoras. "As reformas que se fazem no setor da educação – diz Aparecida – descambam muitas vezes para a burocratização e, a família, que é o principal fator educativo, muitas vezes fica excluída da escola. Não se tem tempo para dedicar ao relacionamento família-escola. Então, este foi o nosso projeto assumimos livremente a necessidade de fomentar o entrosamento entre família e escola, através da Associação de Pais e Mestres, que já existe. Com a permissão e o apoio da diretoria, resolvemos promover reuniões semanais na escola, para os pais, a fim de despertar a necessidade de assumirem a educação dos filhos. Nessas reuniões se procura descobrir o valor da educação e tem dois momentos: um de diálogo sobre os problemas mais importantes da educação e, outro, em que se trabalha fazendo alguma coisa de que os alunos e a escola estão precisando."

Os pais que participam destas reuniões – completa Zélia – manifestam uma satisfação imensa por descobrirem ali, junto com outros pais e professoras, o modo de educar melhor seus filhos. Por outro lado, os professores e a escola têm a oportunidade de perceber as necessidades das famílias de seus alunos e orientar o próprio trabalho em função delas."

Dr. A. M., médico cirurgião, constatara que no setor de pediatria do hospital onde trabalha havia um acúmulo de pacientes, na maioria crianças de até dois anos de idade, que adoeciam quase sempre devido à falta de higiene, de alimentação, de cuidados adequados por parte dos pais. Estes, por sua vez, vivem em condições de miséria, sem recursos nem preparação para cuidar

da mãe na fase pré-natal ou da criança recém-nascida. Era preciso fazer alguma coisa para resolver o problema pela raiz. O Dr. A. M. tomou a iniciativa de promover contatos entre a diretoria do hospital e a Legião Brasileira de Assistência. O resultado foi que a LBA passou a prestar seus serviços, fornecendo recursos para a preparação das gestantes e assistência ao recém-nascido. Proporcionam cursos para gestantes e, às carentes de recursos, enxoval completo para recém-nascidos, e assim como a alimentação necessária até dois anos de idade. Com esta melhor assistência médica preventiva, espera-se que paulatinamente diminuam os casos de crianças doentes que recorrem ao hospital. Deste modo, diminuindo-se a procura, o atendimento poderá ser melhor.

Breves flashes que dão uma idéia do estilo de trabalho, continuado e capilar, de sensibilização para a unidade do corpo social. Como se vê, ele começa pelo próximo mais próximo; é uma ação que não dá glória, que parece ocupar-se de fatos modestos, que não proporciona resultados de primeira página. No entanto, é deste corpo social que depende o clima humano, a autenticidade dos relacionamentos, que é a raiz de toda verdadeira renovação.

"**A chave para resolver** estes problemas – concluía um participante – para nós foi o Evangelho." Acreditamos realmente que o Evangelho tem esta enorme capacidade, fazendo cair o preconceito – mais difundido do que parece – de que o cristianismo só pode ser vivido na igreja. Estes poucos anos de experiências demonstraram que podemos ajudar o homem a libertar-se dos condicionamentos, a realizar-se, a recobrar as esperanças. Descobrimos também muitos pontos em comum com pessoas que pensam de maneira diferente de nós, inclusive materialistas. Trata-se de tomar estes pontos como base para construir a unidade do corpo social.

O homem é um ser completo, mas complementar ao mesmo tempo, ou seja, precisa do relacionamento com o outro. É uma lógica da qual ninguém pode fugir. Deus colocou as suas leis de amor no homem e no cosmo e, se não as respeitarmos romperemos um equilíbrio e sofreremos as conseqüências. Trata-se de descobriremos e de ajudar também os outros a descobrirem este equilíbrio e a respeitá-lo."

Reinaldo M. Fleury e Luiz Eduardo